

**REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DE EMISSOR E TIPOS DE ARGUMENTOS
EM CARTAS DE AMOR DO SERTÃO DO PAJEÚ-PE**

**DISCURSIVE REPRESENTATIONS OF ISSUER AND TYPES OF ARGUMENTS
IN LOVE LETTERS FROM THE SERTÃO DO PAJEÚ-PE**

Eduardo de Lima BESERRA¹

Maria de Fatima Silva dos SANTOS²

RESUMO: Neste artigo, apresentamos as análises das representações discursivas e a natureza dos argumentos utilizados pelo emissor em cartas de amor do Sertão do Pajeú, da década de 50 do século XX. O estudo concentra-se no escopo teórico da Linguística Textual, mais especificamente, na Análise Textual dos Discursos, empreendida por Jean-Michel Adam (2011). A pesquisa é de cunho qualitativo, seguindo os pressupostos da pesquisa documental. O *corpus* foi selecionado no Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc), ligado ao PHPB (Projeto Para a História do Português Brasileiro). Nossa hipótese é a de que as escolhas linguísticas usadas para constituir uma determinada representação, neste caso, a representação discursiva de emissor, é feita em razão de uma determinada intenção argumentativa – explicar-se, declarar-se, dar ênfase aos afetos direcionados ao destinatário das missivas. No procedimento analítico, valemo-nos das categorias teóricas: referenciação, predicação, modalização e conexão e dos tipos de argumentos empregados nos enunciados.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Textual dos Discursos; cartas de amor; emissor; orientação argumentativa; representações discursivas.

ABSTRACT: In this article, we present the analysis of the discursive representations and the nature of the arguments used by the issuer in love letters from the Sertão do Pajeú, from the 50's, 20th century. The study focuses on the theoretical scope of Textual Linguistics, necessarily in the Textual Analysis of Discourses, undertaken by Jean-Michel Adam (2011). The research is of a qualitative nature, following the assumptions of documentary research. The corpus was selected at the Pernambuco Linguistic Documentation and Editing Laboratory (LeDoc), linked to PHPB (Project for the History of Brazilian Portuguese). Our hypothesis is that the linguistic choices used to constitute a given representation, in this case, a discursive representation of the issuer is made due to a certain argumentative intention - to explain, to declare oneself, to emphasize the affections directed to the recipient of the missives. In the analytical procedure, we use the theoretical categories: referencing, predication, modalization and connection and the types of employees in the statements.

KEYWORDS: Textual Analysis of Speeches; love letters; emitter; argumentative orientation; discursive representations.

¹Mestrando pelo PPGLL-UFAL – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas. Alagoas – AL – Brasil. E-mail: eduardobsr7@gmail.com

²Professora da UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada. Serra Talhada – PE – Brasil. E-mail: santosfatima382@gmail.com

Introdução

Aborda-se, neste artigo, o tema da representação discursiva e seu componente argumentativo em cartas de amor do Sertão do Pajeú da década de 50, século XX. O objetivo é apresentar a análise das representações discursivas de emissor, bem como, analisar a natureza dos argumentos empreendidos nessas missivas. Para Adam (2011), a representação discursiva é responsável pela união, descrição e caracterização de elementos imprescindíveis no constructo textual, a saber, o locutor/enunciador, o interlocutor/ouvinte-leitor e os temas abordados, num contexto concreto de uso da linguagem.

O estudo parte de uma pesquisa de base qualitativa, descritiva e documental. Nesse sentido, estudamos um *corpus* formado por uma amostragem de cartas de amor, escritas na década de 50, no Sertão do Pajeú-PE. Esse conjunto de textos pertence ao banco de dados do Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc), ligado ao Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB).

O Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc) tem como objetivo central constituir um banco de dados com textos que representam o Português Brasileiro. Além disso, o referido projeto enseja contribuir com a coleta, tratamento e análise de textos pernambucanos dos séculos XVIII, XIX e XX. Os dados disponibilizados pelo laboratório permitem tanto estudos diacrônicos quanto sincrônicos da língua portuguesa em Pernambuco. O LeDoc também visa à integração de tais dados aos *corpora* que constituem o Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB).

Segundo Bakhtin (2016), a carta se estabelece como uma situação de comunicação verbal espontânea, a qual pressupõe o interlocutor, isto é, a presença *in loco* dele não é uma condição para que o gênero discursivo carta seja efetivado. Para autores como Marcuschi (2001, p. 38), em virtude da linguagem usada e do tipo de relação que há entre os missivistas, as cartas pessoais tendem a portar elementos linguísticos que se constata na oralidade. Além disso, conforme Maingueneau (2006 *apud* LOPES, 2018, p. 36), a carta pessoal apresenta sequências textuais diversas, mas é composta por elementos invariáveis.

Se comparada às cartas administrativas ou de redator, a carta pessoal apresenta uma linguagem menos formal, uma vez que estabelece interação entre missivistas que, em geral, constituem relações de parentesco (amizade, namoro, entre outros). Segundo Lopes (2018, p. 40), de modo abrangente, as epístolas são estruturadas por uma seção de contato

inicial, um núcleo e uma seção de despedida. No mais, o gênero carta comporta elementos que lhe dão autonomia no tocante ao tipo de interação entre o emissor e o destinatário.

Em sua estrutura, este artigo se organiza em quatro seções: a primeira se refere ao conceito de representação discursiva; a segunda apresenta a relação entre discurso e argumentação; a terceira diz respeito à análise do *corpus*, retomando o conceito de representação discursiva e as categorias semânticas relativas a ela, com ênfase na natureza argumentativa dos discursos; e, finalmente, a quarta seção corresponde ao fechamento da escrita deste artigo.

1 Representação discursiva

De acordo com Adam (2011), toda proposição enunciada tem caráter descritivo. A atividade discursiva de referência constrói um objeto de discurso comunicável. Isso significa dizer que uma representação semântica do discurso se instaura, de forma mínima, a partir de uma asserção ou objeto de discurso e o desenvolvimento de uma predicação acerca desse objeto. A forma mais simples é a estrutura que harmoniza um sintagma nominal [SN] a um sintagma verbal [SV]. Em termos semânticos, uma proposição pode ser reduzida a um nome e a um adjetivo.

A respeito disso, Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010, p. 173) constatam que “[...] toda proposição, na condição de ‘microuniverso semântico’, constitui uma representação discursiva mínima”. Nesse sentido, para esses autores, “a dimensão referencial da proposição apresenta uma certa ‘imagem’ do(s) referente(s) discursivo(s), posto que cada expressão utilizada caracteriza ou perspectiva o referente de uma certa maneira” (RODRIGUES; PASSEGGI; SILVA NETO, 2010, p. 173). Sendo assim, a linguagem torna-se responsável pela referência e o texto se concebe como uma proposição de mundo “que solicita do sujeito interpretante uma atividade semelhante [...] de (re)construção dessa proposição de mundo ou representação discursiva” (SANTOS; SILVA NETO, 2014, p. 42).

Segundo a teoria linguística da enunciação, o texto é, simultaneamente, uma proposição de mundo e de sentido, um sistema que implica determinações e um espaço o qual possibilita a reflexividade metalinguística (cf. ADAM, 2011). Assim, o texto constitui uma representação discursiva de seu enunciador, do seu ouvinte ou leitor e dos temas ou assuntos que são tratados (RODRIGUES; PASSEGGI; SILVA NETO, 2010, p. 173).

À vista disso, pode-se afirmar que o sujeito falante sabe que a língua não pode dizer tudo constantemente e que, em determinados contextos, a comunicação pode ser atravessada por ruídos, falhas. No entanto, ele compreende que todos esses aspectos controversos não são suficientes para mitigar a referência ao mundo, ao léxico da língua, ao próprio contexto de comunicação e aos coenunciadores.

Adam (2011) estabelece relações entre os conceitos de representação discursiva e de esquematização – modelo cunhado por Grize (1996) para indicar a imagem do locutor. Para tanto, Adam (2011) apresenta quatro motivos. O primeiro diz respeito à ideia de que qualquer atividade discursiva deriva uma esquematização. O segundo alude ao ato de esquematizar, que implica a constituição de uma representação discursiva parcial e seletiva de uma realidade. O terceiro diz respeito às intenções do esquematizador e às expectativas que ele assume em relação ao auditório. Finalmente, o quarto motivo refere-se ao pressuposto de que “[...] toda esquematização é uma proposição de imagens.” Em outras palavras, de acordo com Grize:

Uma esquematização tem [...] sempre alguma dimensão descritiva. Mesmo arriscando-se a uma descrição cujos elementos são imaginários, o autor deve, em todos os casos, se dedicar à escolha dos aspectos que representará, ele deve selecionar os traços pertinentes de sua referência (GRIZE, 1996, p. 50).

Dessa forma, faz-se necessário estabelecer distinções entre o sujeito no mundo e a imagem esquematizada desse sujeito no discurso.

Consoante Adam (2011), “sujeito no mundo” é a pessoa do orador com sua função (lugar) e o(s) papal(eis) que assume, com suas finalidades próprias, seus pré-construídos culturais e representações da situação de enunciação, do objeto do seu discurso, do auditório e as representações psicossociais de si mesmo. Com efeito, para estabelecer relações de interação com o outro, o locutor constrói uma representação do contexto do qual faz parte, isto é, não somente instaura uma imagem do seu interlocutor e do tema ou do objeto de seu discurso, mas também uma imagem de si mesmo enquanto interveniente no processo comunicativo.

2 Categorias teóricas de estruturação das representações discursivas

2.1 Referenciação

Conforme Koch e Elias (2009), a referenciação resulta de um processamento não só estratégico dinâmico, mas também, acima de tudo, intersubjetivo, que perpassa as

interações entre sujeitos sociais atuantes. Esse prisma se estabelece pela modificação do termo *referência* por *referenciação*, haja vista as atividades de linguagem, enquanto objetos analíticos, serem exercidas por sujeitos sociais e históricos em condição de interação. Tais sujeitos constroem mundos textuais que comportam elementos os quais não refletem fidedignamente a realidade, contudo são interativamente e discursivamente construídos mediante as práticas sociais – são *objetos-de-discurso*.

Segundo Cavalcante (2011), existem duas formas de abordar os objetos de discurso no interior de um texto. A primeira forma dá relevo às expressões referenciais no contexto a fim de descrever diferentes processos de introdução, de anáfora e de *dêixis*. A segunda dá ênfase a uma construção sociocognitiva e discursiva do objeto de discurso. Na primeira abordagem, há duas maneiras de introdução do referente: na primeira possibilidade, dá-se a introdução referencial; na segunda, estabelecem-se as anáforas. Nesse sentido, no primeiro caso, as expressões referenciais exercem o papel de inserir, formalmente, referentes no universo discursivo. No segundo, exercem a função de dar continuidade de referentes que já foram estabelecidos na dimensão discursiva.

2.2 A modificação

A modificação concerne às qualidades ou propriedades atribuídas tanto aos referentes (objetos do discurso) quanto aos verbos em enunciados ou estruturas de predicções. Em função disso, Queiroz (2013) explicita-nos que a modificação textual pode ser subdividida em dois modos: modificação da referenciação e modificação da predicção.

2.3 A predicção

De acordo com Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010), a predicção (verbal) é uma operação relacionada não só ao procedimento de seleção dos predicados, no sentido abrangente (ações, estados, mudanças de estado etc.), mas também o estabelecimento da relação predicativa no enunciado. Quanto ao papel que os verbos exercem nos enunciados, Neves (2006) acentua que, além de terem função central em estruturas predicativas, são responsáveis pelo acionamento de uma estrutura argumentativa, podendo indicar ação (função de sujeito agente), processo (sujeito afetado ou experimentador), ação-processo (sujeito agente/acusativo e sujeito afetado/efetuado) e estado (sujeito neutro ou inativo).

2.4 A conexão

A conexão se estabelece no enunciado como a operação responsável pela linearidade dos enunciados nos textos, propiciando, assim, relações de sentido. Conforme Adam (2011), há três tipos de marcadores de conexão: os argumentativos, os organizadores e textuais e os de responsabilidade enunciativa. Esses marcadores detêm a função de ligação semântica entre palavras, proposições, conjuntos de proposições e segmentos de texto, o que implica uma conexão entre duas unidades semânticas.

De acordo com Adam (2011), os organizadores textuais são determinantes na demarcação dos planos de texto. Eles podem ser de dois tipos – os que dispõem as partes da representação discursiva nos eixos do tempo e do espaço e os que estruturam a progressão do texto, indicando as diferentes partes dele. Para o autor, a harmonização dos organizadores textuais e temporais tem o intento de contribuir com o leitor na construção de um todo coerente.

A respeito disso, Koch (2011, p. 33), destaca que “os operadores argumentativos são responsáveis pelo encadeamento dos enunciados, estruturando-os em textos e determinando a sua orientação argumentativa.” Nessa perspectiva, pondera-se que “[...] o uso da linguagem é inerentemente argumentativo” (KOCH, 2011, p. 101). Isso significa dizer que a argumentação está impressa na própria língua.

3 A argumentação

De acordo com Fiorin (2018, p. 15), “é lugar-comum na linguística atual a afirmação de que a argumentatividade é intrínseca à linguagem humana, portanto todos os enunciados são argumentativos”. Nesse sentido, argumentar significa orientar o outro a acreditar em alguma coisa, por meio de uma unidade de sentido via produção verbal. Para atingir essa finalidade, faz-se necessário valer-se dos vários tipos de argumentos a fim de defender uma dada tese. Dessa maneira, é relevante conhecer a classificação dos argumentos e a forma como eles podem ser utilizados para persuadir o outro.

O Tratado de Argumentação (2005), elaborado por Perelman e Olbrechts-Tyteca, aponta quatro tipos de argumentos: os quase lógicos, os fundados na estrutura do real, os que fundamentam a estrutura do real e os argumentos por dissociação de noções.

Os argumentos quase lógicos se comparam aos raciocínios formais, contudo não são lógicos em sentido literal, haja vista serem passíveis de controvérsias, não ratificando algo que seja definido por si mesmo. Além disso, “[...] é um tipo de argumento de que nos

valemos todos quando falamos de coisas possíveis, plausíveis, prováveis, mas que não são necessárias do ponto de vista lógico” (FIORIN, 2018, p. 116).

Argumentos fundados na estrutura do real são aqueles que se respaldam em experiências, o que implica afirmar que quanto mais fatos estiverem ligados a uma tese, mais corroborável ela será. Esses argumentos podem ser classificados em: sucessão e causalidade, pragmático, desperdício, direção, superação, autoridade, *ad hominem* e duplas hierarquias. De acordo com Fiorin (2018), esses argumentos baseiam-se nas relações que o sistema de significação considera existentes no mundo objetivo.

Os argumentos que fundamentam a estrutura do real são empíricos, todavia não se sustentam na estrutura do real, pois a organizam ou a completam. Podem ser classificados em: exemplo, ilustração, modelo, antimodelo, comparação, sacrifício, analogia e metáfora. Em outras palavras, “[...] são aqueles argumentos que não são vistos como conformes à maneira como se estrutura a realidade, mas que são considerados modos de organização da realidade. São os argumentos indutivos ou analógicos [...]” (FIORIN, 2018, p. 185).

Finalmente, segundo Fiorin (2018, p. 193), os argumentos de dissociação de noções “separam ideias que aparecem em pares hierarquizados; essência e aparência, figurado e literal [...]. Mostram que não há ligação entre os conceitos ou que eles estão indevidamente vinculados”.

4 As representações discursivas de emissor e os tipos de argumento

Nesta seção, apresentamos a análise das representações discursivas de emissor e o tipo de argumento utilizado por ele em cartas de amor. Para isso, valemo-nos das categorias teóricas de referenciação, predicação, modificação e conexão.

A escolha do *corpus* deste trabalho se deve a dois porquês: o primeiro diz respeito à quantidade de cartas pessoais, do tipo amor, de diferentes décadas do século XX, registradas no banco de dados do LeDoc; o segundo motivo concerne ao fato de as missivas estudadas nesta pesquisa representarem aspectos linguísticos/discursivos da região em que os autores deste estudo estão inseridos – o Sertão do Pajeú. Além disso, ressalta-se o nosso interesse em compreender determinadas nuances das representações discursivas amorosas nas cartas cotejadas neste trabalho.

Nos procedimentos de análise, as cartas são identificadas pelo ano (1956, 1957 e 1958) e os enunciados estão codificados da seguinte maneira: En1, En2... Os tipos de argumento usados pelo emissor estão explicitados abaixo de cada análise.

4.1 A referenciação

“sua carta”, “que”, “o amor”, “o mesmo”, “você”, “um outro rapaz”, “que”, “seus pais”, “eu sou pobre”, “nada tenho”, “Maria”, “suas palavras”, “sua pessoa”

1956	Exemplos	A referenciação
En1	“Levo [á] seu conhecimento que recebi sua carta que veio me trazer uma grande surpresa porque você sendo noiva eu pensava que você tinha se (você) es= quecido de mim eu lhe digo que não esquecerei você nunca pois o amor é o mesmo [...]”	“sua carta” “que” “o amor” “o mesmo”
En2	“ Você está para casar com um outro rapaz que tem recurso e é do gosto de seus pais e eu sou pobre e nada ten- ho o que eu tenho é muito amor para com você [...]”	“você” “um outro rapaz” “que” “de seus pais” “eu sou pobre” “nada tenho”
En3	“Mas Maria no cenário da vida tudo acontece o nosso amor pode triunfar no futuro pois se é que eu possa confiar nas suas palavras se é que existe sinceridade na sua pessoa [...]”	“Maria” “suas palavras” “sua pessoa”

No (En1), os referentes são introduzidos no texto na forma de sintagma nominal (SN) “sua carta” e “o amor”. O nome “carta” é determinado pelo pronome possessivo “sua” e “amor” recebe determinação por meio do artigo “o”. No enunciado, esses sintagmas são retomados por anáfora: o pronome relativo “que” (o qual encabeça a oração “[...] veio me trazer uma grande surpresa”) retoma o referente “sua carta”; “o mesmo”, na condição de pronome demonstrativo substantivado, é remissivo ao referente “o amor”.

No En2, o referente “você”, na função de pronome pessoal, é retomado pelo sintagma adjetival (SN) “de seus pais”. O objeto do discurso “um outro rapaz” é referenciado pelo pronome relativo “que” (que introduz a oração “[...] tem recurso”). O referente “eu sou pobre” é recuperado, no enunciado, pelo sintagma verbal (SV) “nada tenho” – esse constituinte possui o pronome elíptico *eu*.

No (En3), o referente “Maria” exerce a função de aposto, haja vista ocupar lugar entre um adjunto adverbial e o sujeito da oração “o nosso amor”. Esse objeto do discurso é recuperado pelos sintagmas nominais “suas palavras” e “sua pessoa”.

Nesses enunciados, o processo de referenciação faz alusão a um emissor que parece padecer de sentimentos advindos de uma relação amorosa atravessada por impasses. Há a

surpresa por receber a missiva, o sobressalto de não saber como agir diante do fato explícito na carta – o casamento da amada – e o reconhecimento dos obstáculos que o impedem de estar junto a ela. Também é possível perceber um emissor que, por instantes, assume a condição de sujeito esperançoso, apesar de as incertezas serem patentes.

Na referida missiva, os argumentos utilizados pelo emissor são aqueles fundados na estrutura do real, pois partem de experiências, expressam relação de sucessão e causalidade, como em “**Você** está para casar com **um outro rapaz** | **que** tem recurso e é do gosto | de **seus pais** e **eu sou pobre** e **nada ten-** | **ho** o que eu tenho é muito amor para com você [...]”. Nesse fragmento, o enunciado “nada tenho” é corroborado pelo enunciado “eu sou pobre”.

4.2 A predicação

Nos enunciados a seguir, observamos que o referente “emissor”, em seu papel temático, é, majoritariamente, agente nos eventos expressos pelos verbos:

1957	Exemplos	Predicação
En1	“A presente carta tem como objetivo dar- te as minhas notícias como também saber das tuas.	“dar-te”
En2	“Olhe Maria ahí vai 3 objetos em primeiro eu te envio uma imagem da virgem mãe de Deus nossa senhora das graças; é nela que eu e tú devemos confiar afim de nos vermos um dia realizados os nossos sonhos [...]”.	“envio” “devemos confiar”
En3	“[...] em 2º lugar vai o meu retratos satisfa= sendo o teu pedido e dando uma prova do amor que eu te consagro e por ultimo vai um postal representando uma cena amorosa.”	“satisfazendo” “dando” “te consagro”

Nos enunciados (En1) e (En2), a imagem do referente emissor é instaurada por meio das estruturas predicativas “dar-te”, “envio” e “devemos confiar”. Essas predicções são utilizadas no texto a fim de projetar uma imagem de emissor recíproco ou que anseia a reciprocidade. Essa imagem é desdobrada pela estrutura que contém a locução verbal: “é nela que eu e tu **devemos confiar** afim de que vermos um dia realizados os nossos sonhos.”

No enunciado (En3), os gerúndios “satisfazendo” e “dando” constrói a imagem de um emissor apaixonado, cativo à nobreza de um afeto e que responde, prontamente, a um pedido vindo da amada. O sentimento é predicado por “te consagra”. Essa predicção

colabora para construir discursivamente representações de um amor tido como puro, sincero, sagrado [amor que te consagro].

Os argumentos presentes nesses enunciados operam sob o princípio da reciprocidade, pois estão baseados numa identidade bilateral. É possível observar isso no seguinte fragmento: “eu te **envio** uma imagem da virgem mãe de Deus nossa | senhora das graças; é nela que eu e tú | **devemos confiar** afim de nos vermos | um dia realizados os nossos sonhos [...]”. Assim, os argumentos que atravessam os enunciados acima estão inseridos nos quase lógicos, pois o enunciador (emissor) se refere a coisas possíveis, plausíveis.

4.3 Os modificadores

1958	Exemplos	A modificação
En1	“É nessa hora de tristesa e inquietação para o meu coração que passo a responder a tua cartinha que veio envolver-me de alegria porque cada vez que eu recebo uma carta tua sinto prazer ; mas Maria esta mesma carta veio sepultar o meu coração na mais terrível amargura [...]”	“tristesa” “inquietação” “de alegria” “prazer” “terrível amargura”
En2	“Olha, Domingo eu fui até a casa de Elói tratar de um negocio particular depois eu lhe direi o que foi, e não namorando com ninguém pois outras moças no sentido de namoro, para mim elas já morreram porque neste mundo só tú existes a quem consagrei todo o meu amor toda a minha afeição e simpatia .”	“particular” “afeição” “simpatia”

Nesses enunciados, o enunciador (emissor) constitui uma imagem de sofrimento. O tema da carta é construído em torno de uma suposta “traição”, a qual é assinalada pela construção de imagens desse emissor, representadas pelas sensações de “tristeza”, “inquietação”, “alegria”, “prazer”, “terrível amargura”. Esses modificadores operam a fim de projetar uma representação discursiva com inclinações para um enunciador que pretende conceder justificativas sobre determinadas ações. Para isso, ele não só se vale do modificador “particular” (justificando o encontro com o amigo), mas também dos vocábulos “afeição” e “simpatia” para ratificar a natureza dos afetos que tem pela amada e obliterar o impasse na relação. Observemos os modificadores das predicções verbais nos exemplos a seguir:

1958	Exemplos	Circunstâncias
En3	“É portanto uma devalada men tira 3 vezes mentira como também é mentira eu ter tirado a aliança porque isto é uma negra e infame ca= lunia como negra e infamante é a língua desta fuxiqueira que corroída pela inveja e pelo ciúme foi te contar.”	Conclusão Adição Explicação Comparação
En7	“Não Maria eu não tenho es= piroto de vingança, o que eu sinto para contigo é um sentimento de amor tão forte que agente pudesse ver tú ficarias extasiada diante da imensidão e grandesa do meu a= mor porque o amor que eu tenho é puro é nobre é firme é decidido.	Complemento de referência Consequência Explicação
En8	“Digo e repito, embora tú não acredites no meu coração não há mais vaga para ou= tra. Aceita lembranças e um aperto de mão deste que te ama de verdade.	Concessão

De acordo com o que é possível observar, no enunciado (En3), os modificadores, apesar de terem orientações semânticas diferentes, têm seus sentidos determinados em função da forma verbal “é”. Isso sugere a construção de uma representação discursiva de emissor que lida com hipóteses ligadas a resolução do conflito que perpassa o conteúdo da carta, portanto o enunciador (emissor) vale-se dos operadores de conclusão, adição, explicação e comparação.

No enunciado (En7) percebe-se o intercâmbio entre operadores subordinativos e coordenativos. Os de subordinação conferem ao enunciador maior grau de argumentatividade em relação ao seu objeto de discurso – não somente defender-se –, como também dá relevo ao sentimento o qual é destinado à Maria.

No enunciado (En8), o operador de concessão “embora”, além de estar em uma estrutura que corrobora a representação discursiva de um emissor que procura justificar-se diante do que julga se tratar de calúnias, inclina-se para um estado de espírito de lassidão, angústia e preocupação.

O tipo de argumento empregado nos enunciados é o quase lógico e se classifica como argumento de retorsão: “É portanto uma devalada men | tira 3 vezes mentira como também | é mentira eu ter tirado a aliança | porque isto é uma negra e infame ca= | lunia como negra e infamante é | a língua desta fuxiqueira que corroída | pela inveja e pelo ciúme foi te contar.” Na missiva, o emissor expõe outros argumentos que tendem a confrontar a tese relativa a uma “traição”.

4.4 A conexão

A conexão é responsável por ligar os enunciados, articulando-os para constituir um conjunto de proposições e compor o todo semântico na construção das representações discursivas.

1956	Exemplos	Conectores
En2	“[...] portanto eu lhe digo se você quiser acabar por sua livre e espontânea vontade acabe mas eu não mando vo- cê acabar porque ali eu considero duas coisas primeira que eu não posso me ca= sar agora e segundo que seus pais podem lhe maltratar por minha causa.”	“portanto” “mas” “porque” “e”
En3	“[...] eu posso lhe dizer que nosso amor será vito- rioso pois o amor tudo vence e quan- do dois corações se amam nada (mais) é impossível Olhe Maria eu lhe vi hoje de longe fiquei atormentado pelas sal= dades mais ardentes pois eu te amo com todas as forças do meu coração apesar de você ser amada por outro mas não importa eu te amo também.”	“que” “pois” “e quando” “pois” “apesar de” “mas”

No enunciado (En2), o conector explicativo “portanto” assinala uma postura de impasse do emissor, a qual é corroborada pelas partículas de adversidade, “mas”, e explicativa, “porque”. O conectivo “e” indica a soma de duas ideias que apontam para uma representação discursiva de cuidado e/ou de sobressalto.

Em contrapartida, o enunciado (En3) instaura uma representação discursiva de emissor que, mesmo diante de grandes empecilhos, conserva a esperança de usufruir do amor com a destinatária da carta, Maria. A conjunção integrante “que” insere no enunciado o aspecto do amor, fazendo alusão ao futuro; o conector “pois” retoma a oração subordinada substantiva a fim de explicá-la; a estrutura “e quando”, no contexto em que aparece, assume a função de adição – justificando, assim, a potência do sentimento velado pelo emissor.

A saudade sentida pelo enunciador é determinada pelo sintagma verbal “eu te amo”, introduzido pelo conector “pois”. O operador argumentativo de concessão “apesar de” traz à tona a representação discursiva de impasse, contudo é esmaecida pela construção “mas não | importa eu te amo também”.

O enunciador, nesses enunciados, vale-se de argumentos fundados na estrutura do real, pois ele não só coloca em evidência experiências, como expõe argumentos que tendem a uma relação de sucessão e causalidade, como no En2 “[...] **portanto** eu lhe digo se você | quiser acabar por sua livre e espontânea | vontade acabe **mas** eu não mando vo- | cê acabar **porque** ali eu considero duas coisas primeira que eu não posso me ca= | sar agora e segundo que seus pais podem | lhe maltratar por minha causa”.

Conclusões

Os resultados apresentados corroboram a hipótese assumida na pesquisa, a de que as escolhas linguísticas são utilizadas de maneira a alcançar um determinado objetivo, estabelecendo, assim, uma orientação argumentativa no texto. Sendo assim, as escolhas não são fortuitas, tampouco neutras, mas estão relacionadas ao intento da enunciação, aos anseios dos integrantes do jogo interacional. Isso revela a intencionalidade do enunciador e a orientação argumentativa para a instauração de sentidos almejados.

Desse modo, a partir do que foi possível analisar nas cartas, as representações de “emissor” refletem os diversos aspectos que permeiam relações amorosas, como as declarações românticas constantes, as dinâmicas de conquista, os impasses advindos de determinadas circunstâncias, a projeção de expectativas. Em relação ao tipo de argumento empregado nos enunciados, percebeu-se que eles transitam entre os quase lógicos e os que se fundamentam na estrutura do real – aqueles se respaldam no que é plausível, possível; estes se apoiam em experiências e desencadeiam relações de sucessão e causalidade.

Os textos tratam de questões íntimas e ao mesmo tempo abrangentes, em virtude do gênero textual sobre o qual esta pesquisa se debruçou – a carta pessoal. Nas delimitações do seu âmbito teórico e metodológico, o estudo das representações discursivas, abordadas aqui, almeja contribuir com as pesquisas que se valem de manuscritos para compreender as facetas e manifestações da língua, em seus variados níveis de análise.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J. M. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues *et al.* 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- CAVALCANTE, M. M. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- FIORIN, J. L. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2018.
- GRIZE, J. B. *Logique naturelle et communications*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009.
- LOPES, C. R. S. *Filologia, história e língua: olhares sobre o português medieval*. São Paulo: Parábola, 2018.
- MARCHUSCHI, Luíz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucien. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- QUEIROZ, M. E. *Representações discursivas no discurso político: “Não me fiz sigla e legenda por acaso”: o discurso de renúncia do senador Antônio Carlos Magalhães (30/05/2001)*. 2013, 187 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.
- RODRIGUES, M. G. S.; PASSEGGI, L.; SILVA NETO, J. G. “Voltarei. O povo me absolverá...”: a construção de um discurso político de renúncia. In.: RODRIGUES M. G. S.; SILVA NETO, J. G.; PASSEGGI, L. (Orgs.). *Análises textuais e discursivas: metodologias e aplicações*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 150-195.
- SANTOS, M. F. S.; SILVA NETO, J. G. As representações discursivas de vítima na construção dos sentidos em textos de inquiridos policiais. *Odisseia*, Natal, v. 1, n. 12, p. 76-94, jan./jun. 2014.